

## **A Adesão às Práticas Agroecológicas e as Motivações para a Transição Agroecológica: Noções de Agricultores Familiares de Campinhos município de Roca Sales – RS**

BASTIAN, Lillian. Pós-Graduação Desenvolvimento Rural – UFRGS. [lillianbstn@hotmail.com](mailto:lillianbstn@hotmail.com)  
DAL SOGLIO, Fábio. Pós-Graduação Desenvolvimento Rural – UFRGS. [fabiods@ufrgs.br](mailto:fabiods@ufrgs.br)

### **Resumo**

A transição agroecológica enquanto uma forma de produção mais sustentável está alicerçada nas motivações que asseguram a agricultores familiares troca entre diferentes modos de produção. Nesta busca por sustentabilidade é que se identificam aqui quais podem ser as causas para esta transição e quais as noções de agricultores familiares das práticas agroecológicas. Para responder a estas questões optou-se por realizar a pesquisa em Roca Sales - RS e para atingir os objetivos utilizou-se basicamente de amostra não-probabilística intencional e entrevistas não estruturadas. Os resultados indicam que a migração para a transição encontra barreiras e dificuldades de produção e comercialização de frutas produzidas de modo agroecológico e não está ligada a descrença quanto às práticas agroecológicas. Neste sentido, a opção por continuar a produzir de modo convencional está conjugada com as garantias de geração e manutenção de oportunidades para a produção da família.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar, Agroecologia, Produção convencional.

### **Contexto**

A produção agroecológica encontra-se alicerçada na transição do modelo convencional para o agroecológico. A garantia para esta transição muitas vezes está conjugada a aspectos que não se relacionam somente as noções e motivações que agricultores familiares possam ter destas práticas. Mas está ligada também as possibilidades de comercialização que garante uma renda às famílias de agricultores e reprodução enquanto grupo social.

Neste sentido, esta pesquisa se encontra anexa à discussão das conseqüências negativas trazidas com a adoção do pacote tecnológico proposto pela Revolução Verde, tais como a poluição de solos e água e a perda da biodiversidade, e a busca de possíveis soluções para estes problemas ambientais, principalmente, por meio das práticas agroecológicas.

A prática agroecológica utiliza de princípios ecológicos para traçar o manejo e desenho de agroecossistemas. Deste modo, o manejo sustentável dos recursos que a natureza nos disponibiliza (ou que nos “apropriamos”), é que se inserem pesquisas quanto ao interesse dos agricultores familiares para a transição agroecológica e se questionam quais os fatores podem estar subjetivos à adoção ou não da agroecologia. Avaliando estas questões, pretendeu identificar quais causas podem fazer com que agricultores familiares se sintam motivados (ou não) para adotar práticas da agroecologia e quais são as noções que estes agricultores têm destas práticas.

As comunidades onde foi realizado este estudo localizam-se no município de Roca Sales. Este está situado na mesorregião centro oriental rio-grandense. Localiza-se na margem esquerda do rio Taquari, tendo uma área de 184 Km<sup>2</sup> e altitude média de 295m. O município tem uma população aproximada de 9300 habitantes, sendo que o rural e o urbano, segundo dados apresentados em 2005, têm praticamente a mesma quantidade de pessoas e as propriedades rurais possuem média de tamanho aproximado a 11 hectares. (FURLANETTO, 2005).

A agricultura deste município corresponde a aproximadamente 35% dos retornos em Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS). A avicultura e a suinocultura

## Resumos do VI CBA e II CLAA

correspondem a aproximadamente 90% deste montante. Dos 10% restantes, 3% é fruto do comércio de leite e nos 7% restantes estariam incluídos nos retornos que a fruticultura traz para o município.

A fruticultura é cultivada essencialmente nas comunidades de João Abott, “Maracanã” (Linha Marechal Hermes) e Parobé. Toda esta região é popularmente conhecida por Campinhos. Este cultivo destaca-se pela produção de pêssego, uva, laranja, bergamota e goiaba, principalmente.

Para a realização desta pesquisa foram entrevistados 13 agricultores familiares (agricultoras e agricultores). Estes foram selecionados de modo a obter maior diversidade possível de concepções referente às práticas agroecológicas e experiências. Para isto um dos técnicos da Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) do município auxiliou na seleção dos agricultores familiares. Com estes agricultores familiares foram realizadas entrevistas não estruturadas norteadas por um tema específico. Este tema se restringe a adoção de práticas agroecológicas e os motivos que levam a transição.

### **Descrição da produção de frutas em Campinhos**

As mudanças de culturas nesta região e conseqüentemente de práticas estão ligadas a crises da agricultura que comprometeram a produção familiar. Há crise está relacionada à inviabilidade de produção devido às condições desfavoráveis ligadas a natureza e a remunerações insuficientes para dar conta de cobrir os custos da produção e para suprir um mínimo necessário para a sobrevivência da família.

É neste sentido que a fruticultura foi inserida em Campinhos justamente quando ocorreu o abandono da produção da soja, do fumo e do trigo. Também devido à adequação do local as condições exigidas para a produção de frutas, como a não ocorrência de geadas, e proximidade com pólos consumidores.

Uma integradora localizada em Bento Gonçalves passou a fornecer mudas de algumas frutas e o pacote tecnológico convencional para os agricultores familiares. Esta introdução da fruticultura começou pelas culturas laranja, bergamota e limão em torno do ano de 1987.

A esta sugestão de produção de frutas dada inicialmente aos agricultores familiares de Campinhos houve uma complementação da proposta em torno do ano de 2000. Esta complementação se deu no sentido de produção frutífera sem a utilização de agrotóxicos e adubos químicos. Das propriedades entrevistadas três adotaram este modo de cultivo. Estes agricultores ficaram motivados para a transição devido aos benefícios ambientais e financeiros que a transição agroecológica trazia.

Entretanto a produção encontrou algumas dificuldades de adequação agroecológica ao ambiente local. Os agricultores não tinham orientações de uso de técnicas e de insumos orgânicos. Bem como uma das empresas que garantia a compra da produção e recompensa em caso de baixa quantidade colhida, não cumpriu seu discurso. Estas situações conjugadas levaram ao desestímulo dos agricultores familiares e conseqüente desistência da produção nos moldes sugeridos no ano de 2000.

Conjugado a isso, atualmente a firma que compra a produção de frutas destes agricultores fornece todo o pacote tecnológico, as mudas das fruteiras e a assistência técnica. No momento de pagamento da produção das frutas o preço é inferior ao praticado no mercado, pois é deste modo que é descontado os itens e serviços oferecidos aos fruticultores. Por isso, para esta integradora é interessante que os agricultores continuem com a produção de frutas

## Resumos do VI CBA e II CLAA

convencionais, pois há interesse na venda do pacote tecnológico.

Além disso, segundo os depoimentos dos agricultores, mesmo que os fruticultores desta região oferecessem um produto ecológico para esta integradora, o preço pago seria o mesmo. Não haveria diferenciação entre uma fruta produzida convencionalmente ou de modo agroecológico.

### **As noções acerca da prática agroecológica: fatores para a transição e não transição**

O interesse na transição agroecológica está diretamente ligado com as motivações embasadas nas noções que estes agricultores têm das práticas agroecológicas e com as condições implicadas em sua adoção.

Alguns dos agricultores, apesar de não realizarem a transição agroecológica, se interessam pela transição, pois acreditam que os insumos mais convencionalmente utilizados causam muitos danos ao meio ambiente e a saúde de consumidores e tem convicção da viabilidade de produção. De modo diverso, outros agricultores têm receio de migrar para a transição devido a possíveis pragas que possam atacar seus pomares. Muitas vezes alicerçam seus argumentos em experiências mal sucedidas de vizinhos e descritas acima.

Müller ; Lovato ; Mussoi (2002) salientam que a oposição à transição não se trataria de uma simples atitude de resistência à mudança. Os autores explicam que no caso de transição existem agricultores líderes que são os primeiros a se engajar na produção agroecológica, mas um número maior de outros produtores rurais esperou “uma maior segurança nas condições oferecidas para o processo de mudança” (MÜLLER ; LOVATO ; MUSSOI, 2002, p. 10).

Apesar da venda da produção gerar poucos recursos, esta situação pode ser a preferida por agricultores familiares, pois não oferece riscos como o de endividamento com o setor bancário e incerteza na comercialização da produção. Em Campinhos, os agricultores familiares estariam preocupados com a sobrevivência e reprodução social do grupo familiar, e possíveis perdas de produtividade ou remuneração poderiam levar à descapitalização e, em último caso, à ameaça de continuidade enquanto agricultores.

Neste sentido, frente às necessidades de subsistência da família os agricultores resistem a uma mudança em caso de possíveis riscos. Mas se as atividades realizadas já não garantem a sobrevivência da família, a adoção de uma nova tecnologia, de um novo cultivo ou de uma nova criação, passa a estar ligada com o interesse na subsistência da família (SCOTT *apud* MENASCHE, 1996, p. 29).

De modo sucinto, as considerações deste trabalho indicam que apesar de agricultores familiares terem noções que parecem favoráveis às práticas agroecológicas, as motivações para a transição encontram-se alicerçadas nas inseguranças quando a viabilidade de produção e comercialização, fatores que poderiam comprometer a sobrevivência destas famílias. Deste modo, estes agricultores preferem continuar com a produção nos moldes convencionais a migrar/voltar para a transição agroecológica.

### **Referências bibliográficas**

FURLANETO, M.Z. *Os atores sociais no desenvolvimento sustentável da agricultura familiar – Roca Sales (RS)*. 2005. 64 f. Monografia (Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Encantado, 2005.

GLIESSMAN, S.R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001.

## Resumos do VI CBA e II CLAA

MÜLLER, J.M.; LOVATO, PE.; MUSSOI, E.R. Do tradicional ao agroecológico: as veredas das transições (O caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/SC). *Eisforia*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 98-121, 2002.

MENASCHE, R. *Percepções e projetos: agricultura familiar em mudança – o caso da região de Santa Rosa, Noroeste do Rio Grande do Sul*. 1996. 161 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - UFRRJ, Rio de Janeiro. 1996.